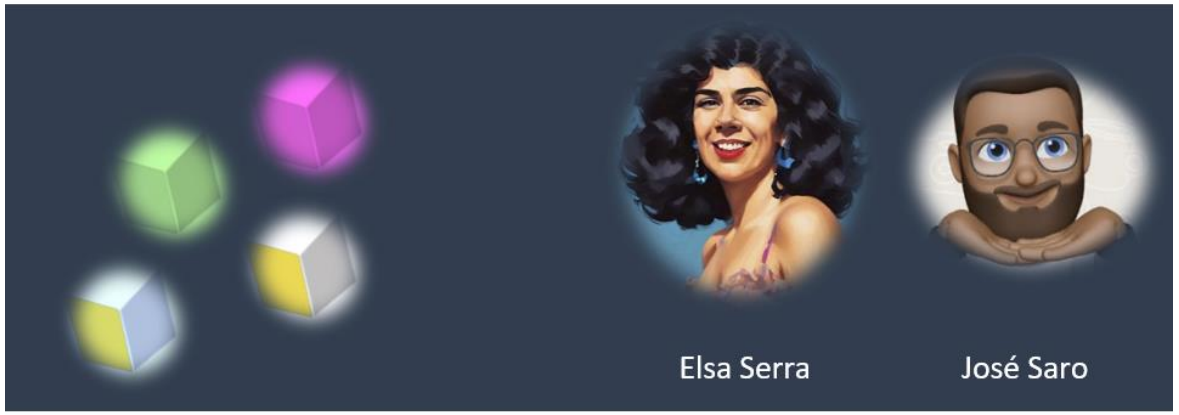
Sejam bem vindos.
Elsa Serra e José Saro

HISTORIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES



Dimensão científico pedagógica para os grupos
200, 210, 220, 300,320, 330, 340 e 350

e-learning: 25 horas

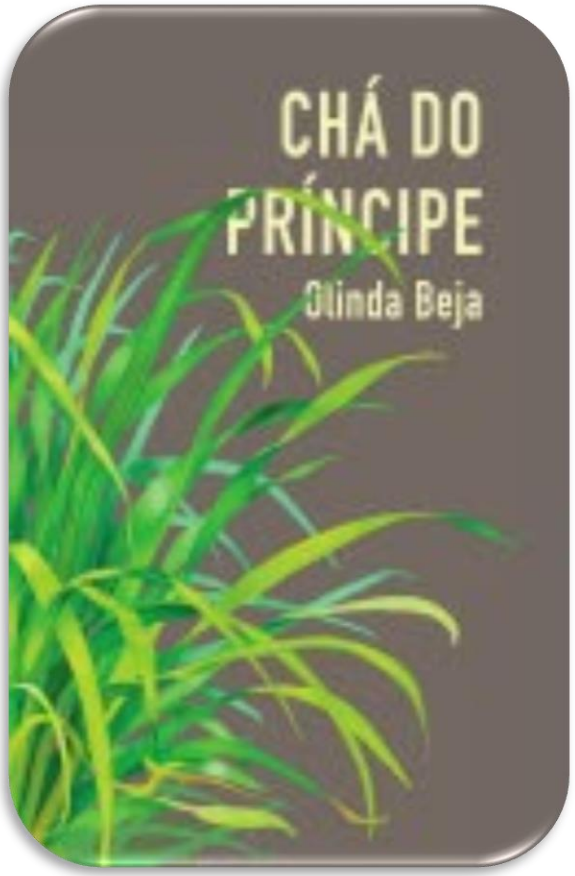
«A EDUCAÇÃO PELA LEITURA É UM BOM EXEMPLO DE FORMAÇÃO INCLUSIVA ENQUANTO OBJETIVO EDUCATIVOQUE PROMOVE A EQUIDADE PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO EDUCATIVO DE TODOS.»

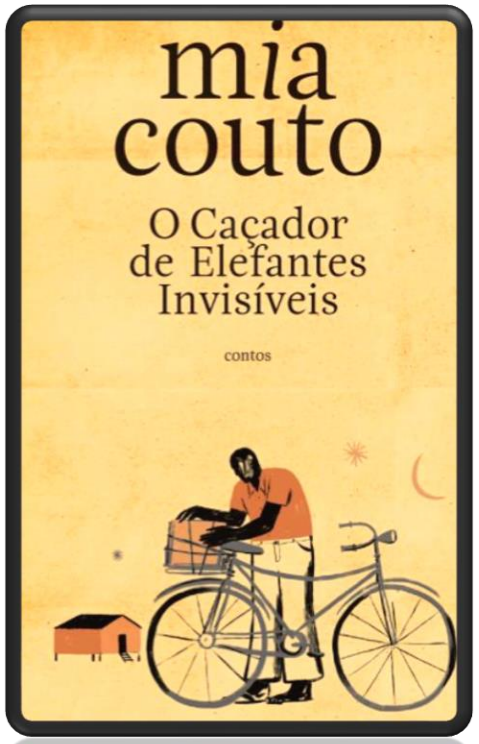
APP
ASSOCIAÇÃO DE
PROFESSORES
DE PORTUGUÊS

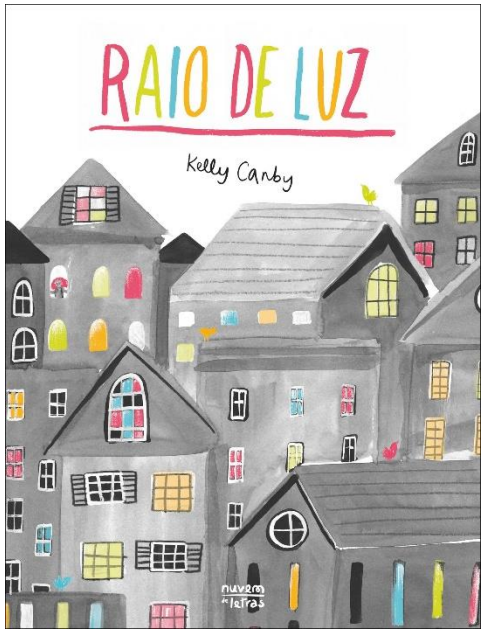
CF *Histórias iguais com finais diferentes*

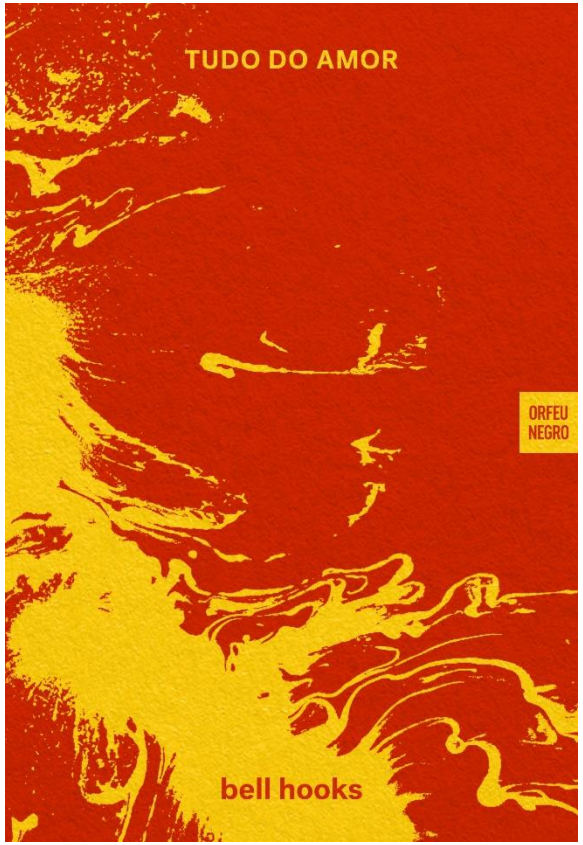
4ª sessão conteúdos

O perfil do leitor e a seleção de leituras que garantam o acesso universal a todos. Atividades de promoção da leitura: atividades de informação, lúdicas, responsabilizadoras e de aprofundamento que agilizem o direito de todas as crianças e alunos ao acesso e participação, de modo pleno e efetivo, aos mesmos contextos educativos. Seleção de fundo documental inclusivo para e exercícios de oralidade e reescrita.


CHÁ DO
PRÍNCIPE
Olinda Beja

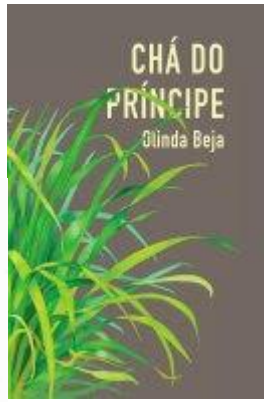

mia
couto
O Caçador
de Elefantes
Invisíveis
contos


RAIO DE LUZ
Kelly Canby


TUDO DO AMOR
ORFEU
NEGRO
bell hooks

A PROFESSORA DA FRONTEIRA

Sêbê na ka kupá lugé fa



Ainda as pitangas estavam empoleiradas na árvore-mãe. Naquela graça de fruto arredondado e gomoso em que o vermelho, o laranja e o amarelo se entrelaçam em diálogos de brilho intenso sempre a chamar as mãos pequenitas das crianças que as devoram a qualquer hora do dia. Árvore exótica trazida de muitos longes por onde se perdiam os aventureiros lusos faz hoje parte da nossa floresta, quintais, jardins públicos mas além dos frutos apetecíveis o que ela tem de mais belo é o nome que a ciência lhe dá a fazer lembrar nome de mulher – Eugénia Uniflora.

Pois quem quer que fosse aquele homem, devia ter ainda espírito de criança. Ao mesmo tempo que disse "bom dia… dá licença?" entrou o portão do quintal e com ar familiar foi estendendo o braço direito e colhendo pitangas como quem faz parte da família que visita. É tão natural, sobretudo na roça, as pessoas chegarem e conversarem sem formalidades de apresentação que por isso o nosso país é um lugar onde, por graciosidade, se diz que somos todos primos.

Maria de Lurdes Figueiredo, mais conhecida por Dona Lulu, não o reconheceu à primeira vista. Na sua frente estava ali um homem alto, elegante, cabelo curto, frisado, olhos grandes, expressivos que gostosamente ia comendo pitangas e sorria. Trazia roupas que indicavam que vinha de longe. Aproximou-se da cadeira onde Dona Lulu preguiçava segurando nas mãos uma revista já ultrapassada e voltou a sorrir. Não foi reconhecido de imediato pela antiga professora esquecendo que durante mais de trinta anos teriam passado pelas mãos de Dona Lulu muitas centenas, se não milhares, de jovens, cada um com seu rosto, atitudes e aproveitamento diferentes! Como reter então apenas um rosto? Sobretudo naquelas idades jovens em que a cada dia que passa os rostos se vão modificando!!

"Meu nome é Juvenal Boa Morte, Professora!"

"Juvenal Boa Morte?!" repetiu num tom evasivo tentando que o cérebro lhe devolvesse na retina a imagem antiga de quem tinha ali na sua frente

"Professora eu sou o Ju, o Bega Txintxi…como me chamavam no liceu" esclareceu mais perentório.

Ficou em suspense. Os olhos fixos na antiga mestre, os braços a quererem estender-se mas sem saber bem se os haveria de estender ou não.

Dona Lulu levantou-se, pousou a revista no corrimão da varanda de madeira da sua casinha da roça, esboçou um sorriso e estendendo-lhe os braços disse bem alto:

"Malandro! Você foi sempre malandro Bega Txintxi…"

Mas Ju estava tão feliz que só ria como outrora tinha rido nas carteiras do Liceu Nacional. Por breves instantes viu Dona Lulu jovem, encostada a um dos cantos da secretária e com muita doçura na voz ia dizendo "Atenção, vamos lá repetir o presente do verbo "avoir" para fazerem frases completas" e eles (eles era Ju

e o seu inseparável amigo e companheiro de carteira, Laureano, apenas conhecido por Lau) a rirem a bandeiras despregadas sem se conseguirem controlar. E numa troça iam dizendo baixinho "jé… tu ás… nous aviões… elas avons…"

Após as chamadas de atenção da professora, os dois malandrecos comentavam baixinho

"mas para que serve falar francês?! Tu sabes?"

"Eu não!"

"Eu também não!"

Mais risada forte e no final do ano quando Dona Lulu lhes lembrava o motivo de estarem com negativa a francês encolhiam os ombros e voltavam a rir-se, mas desta vez com a mão na boca e já depois de se despedirem da professora.

"Achas que precisamos do francês para alguma coisa?" era esta a pergunta sacramental de Ju à qual Lau só dizia "eu acho que não! Dizem que agora só se fala inglês em qualquer país estrangeiro, então…"

E foi assim até ao final do liceu. Todos os anos a mesma coisa e sempre o mesmo conselho da professora

"meninos, o saber não ocupa lugar. Atenção, vocês não sabem o dia de amanhã!".

Um dia, Isolindo, um dos mais indisciplinados da turma, arriscou quase em tom de chacota

"Nós só precisamos de saber falar inglês mais nada. O francês já não se usa, professora…".

Fez-se silêncio na sala. Rapazes e raparigas olhavam incrédulos para aquele colega num misto de receio e admiração. Sim, porque naquele tempo mandar assim uma boca daquelas à

Prefácio

Conversa de quintal
Cartas do além
A lenda do precipício
Maria cambuta
Memórias de sô pimpa
Pantufo
Divina, a menina da *açucrinha*
Vinte
Leve, leve
A tristeza de konóbia
Sóya, sempre *sóya*...
Fyá malixia
Depois dos cinquenta
João Seria, uma lenda
O sonho longínquo de lucialima
O amor tardio de sam doló
O mistério da casa do morro
Rosas de porcelana
A professora da fronteira
Gratidão
A ilha dos santos
Chá do príncipe

professora, que por sinal era a bondade em pessoa, era arriscado. Mas Dona Lulu com um sorriso nos lábios respondeu a Isolindo "Tens razão, Isolindo, mas tu sabes o que será o teu futuro? Vocês querem todos sair da terra. Eu só ouço que querem viajar, ter uma bolsa de estudo, ir pela Europa conhecer monumentos, cidades… então como se vão fazer compreender? Há muitos países onde se fala francês…" e, com aquela suavidade que lhe era tão peculiar, continuava "Por exemplo Paris… a cidade-luz… ora que língua se fala em Paris? francês claro! E quem sabe podem até arranjar trabalho em França, e então…"

Era sempre a mesma coisa, depois das aulas de francês, que eram as últimas do horário escolar uns mergulhinhos na praia PM, umas beijocas na primeira namorada, o assalto aos quintais onde houvesse sape-sape ou pitangueiras carregadas e os estudos iam ficando para trás.

Num instante a vida a mudar de rumo, a independência, a euforia da partida, a procura incessante de trabalho, o êxodo finalmente. E Ju seguiu na correnteza do sonho. Talvez que os tios que viviam em Lisboa lhe arranjassem trabalho. E voltaria rico, quem sabe? Sempre a mesma utopia em todos nós…

Ficou na Cruz de Pau. A mãe pediu ajuda a Lizandro, seu irmão mais velho, que já vivia em Lisboa desde setenta e sete e devia ter bons conhecimentos... O rapaz tinha estudos, havia de saber fazer qualquer coisa. Viveu num sofá durante alguns anos, que a casa dos tios era mais pequena que o galinheiro que a mãe tinha no quintal. Como se podia viver assim?! E lá na terra ele a imaginar que tio Lizandro vivia numa casa grande, cheia de casas de banho e televisores até no quarto e na cozinha. Mas afinal a realidade era bem diferente.

Arranjou uns biscates, ou melhor, arranjaram-lhe. Fez de tudo, eletricista, varredor, canalizador, limpa-chaminés, até tomou

conta de uma vizinha velhota que era da terra e estava agora em cadeira de rodas… Uns biscates sempre iam dando para comer, vestir e ajudar os tios com alguma coisa para a renda da casa.

Mas como sobreviver num sítio daqueles?! E se quisesse arranjar mulher, como fazer? Quem o quereria numa situação daquelas? Soube, pela mãe, que Lau estava também em Lisboa. Através do tio e de um amigo conseguiu localizá-lo. Fizeram festa juntos, festa grande à moda da terra, comeram *kalulu*, cantaram canções dos Untués, dos África Negra, dos Sangazuza e beberam cerveja até os pés e as pernas tremerem tanto que ali ficaram de borco mesmo no bar de Sum Jójó, outro santomense a tentar a vida na cidade onde desaguam todos os sonhadores.

Começaram a andar juntos, sempre era mais fácil, nestas coisas de distâncias da terra, um conterrâneo que se encontra é uma bênção de Deus. E tanto que foi que os dois combinaram ir por essa velha Europa à procura de trabalho. Sempre haviam de arranjar. Juntaram escudos e mais escudos, que naquele tempo o euro ainda era uma miragem e foram de autocarro até Paris e de lá até Lausanne onde um conterrâneo os esperava. Mas na fronteira franco-suíça os dois africanos, os únicos a viajarem para tais paragens, foram obrigados a descer, a mostrar os bilhetes, o passaporte, as malas… tudo bem mostrado, tudo bem explicado. Ui… e agora? explicado como?!

"Como?!" – troçou o motorista que era português e estava habituado a ver estas aflições dos africanos – explicado em francês… aqui nesta zona da Suíça só se fala francês…

Os dois amigos entreolharam-se num misto de pânico e piedade. Então Ju, mais conhecido no Liceu Nacional por Bega txintxi, foi puxando pelos cordões da memória e fazendo frases com o tal verbo "avoir", com o "être", com o "travailler" para dizer que ambos já tinham trabalho e que tinha ali o endereço

do primo que vivia em Morges. Lau chorava feito criança. Mas Ju continuou a esforçar-se por se lembrar do pouco que tinha aprendido nas aulas de Dona Lulu e as frases iam surgindo de tal modo que o polícia teve a gentileza de telefonar para o tal número do familiar que estaria em Lausanne à espera dos dois amigos. Afinal deu tudo certo! Uf! Assim a viagem prosseguiu entre lembranças da professora e o pavor de uma língua que a partir daquele instante era a deles. Só falando-a conseguiriam sobreviver. E Ju sabia que não queria voltar a Portugal.

O país helvético afinal deu-lhe tudo – uma companheira maravilhosa, africana como ele, dois filhos lindos e a certeza de que o saber não ocupa lugar. Por isso naquela tarde, ao fazer aquela romagem de saudade à terra onde nascera, estava ali.

– Venho agradecer à Professora o que me ensinou!

Dona Lulu ficou até sem graça.

– Tu, Bega Txintxi, vens agradecer o quê?!

– O que me ensinou de francês. Foi o que me valeu na fronteira da Suíça!

– Ah! Só aí te lembraste de mim?

– Pois… – a voz embargou-se-lhe – isto é para a professora…

Estendeu-lhe uma caixa grande, retangular cheia de imagens de montanhas com picos cobertos de neve onde no sopé pastavam vacas com sinetas coloridas penduradas ao pescoço. Lá dentro os célebres chocolates da Suíça que fizeram encher de lágrimas os olhos de Dona Lulu. Abraçaram-se muito.

E a tarde estendeu-se entre bombons trazidos de longe, recordações de travessuras do tempo do Liceu Nacional e a gratidão de um jovem que só na fronteira se lembrou que afinal o saber não ocupa lugar. Aliás, nunca ocupou.

DINIS DEU O GRITO QUE SEMPRE QUIS

Quando acordou, Dinis sentiu a barriga esquisita.
Primeiro parecia um furacão, depois sentia uma formiga.
O seu coração parecia um vulcão quase em ebulição.
A noite fora cheia de pesadelos,
e sem descansar, de mau humor e com zero paciência,
já estava pelos cabelos.

O dia lá foi acontecendo, sempre muito cinzento.
Quando entrou no carro, bateu com a cabeça de lado.
No recreio, tropeçou e caiu, ganhando um grande galo.
Ao almoço, não foi melhor: distraído, até se engasgou.
Mas mesmo com tanto acontecimento
nunca mostrou qualquer sentimento.

Certo dia, o pai encontrou Dinis
a bater numa parede com o nariz.

O que se passa?

Senti uma grande raiva de repente.
Um rapaz não pode chorar, gritar
ou dizer o que sente.

Quem disse que um homem não chora?
Eu também grito, não vejo qual é o mal.
Na maioria das vezes, sou bastante sentimental.

A avó diz que quem grita são as meninas,
porque são muito fraquinhas.
Eu quero ser forte e valente.

Não acredites, que a avó também se engana.
Todas as crianças devem gritar, espernear, ter medo e chorar.
Se esconderes o que sentes, o teu coração vai escurecer,
e eu não quero que rebentes por ficares com coisas por dizer.

Na manhã seguinte, Dinis acordou feliz.
Na escola, sempre que sentia necessidade,
chorava à vontade.

Quando caiu, ficou envergonhado
e com o pé magoado. Gritou tão alto, que a dor
se assustou e foi chatear alguém para outro lado.

E o coração de Dinis ficou aliviado.
Já não precisava de viver angustiado:
todos os sentimentos eram agora,
por Dinis, libertados.

timos de sentimentos e emoções. Esse processo de investimento em que a pessoa amada se torna importante para nós é chamado "catexia". Em seu livro, Peck enfatiza corretamente que em geral se "confunde a catexia com o amor". Todos sabemos que indivíduos que se sentem conectados a alguém pelo processo de catexia frequentemente insistem que amam a outra pessoa, mesmo magoando-a ou negligenciando-a. O que eles sentem é catexia, mas insistem que é amor.

Quando entendemos o amor como a vontade de nutrir o nosso crescimento espiritual e o de outra pessoa, fica claro que não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado. Ouvimos com frequência sobre homens que batem na esposa e nos filhos e então vão ao bar da esquina proclamar apaixonadamente o quanto os amam. Se você conversar com a esposa num dia bom, ela pode insistir que ele a ama, apesar da violência.

Começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e comprometimento. Somos com frequência ensinados que não temos controle sobre nossos "sentimentos". Contudo, a maioria de nós aceita que escolhemos nossas ações, que a intenção e o desejo influenciam o que fazemos. Também aceitamos que nossas ações têm consequências. Pensar que as ações moldam os sentimentos é uma forma de nos livrarmos de suposições aceitas convencionalmente, como a de que pais amam seus filhos, de que alguém simplesmente "cai" de amores sem exercer desejo ou escolha, de que existe algo chamado "crime passional", isto é, a ideia de que ele a matou porque a amava demais. Se nos lembrássemos constantemente de que o amor é o que o amor faz, não usaríamos a palavra de um jeito que desvaloriza e degrada o seu significado. Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança.

best
FRIENDS
BLM
HOLE